

POR QUE CHORAS?

O lugar da sensibilidade em uma tribo juvenil contemporânea: os emos

Angela Schirmer Simão*



Sensível às múltiplas identidades juvenis contemporâneas e ciente da necessidade de problematizá-las, elegi uma das tribos juvenis

(os *emos*) para colocar em circulação alguns discursos sobre identidade, sexualidade e preconceito.

Para dar conta dessas questões apresentarei, num primeiro momento, um panorama sobre a temática da juventude tal como ela tem sido descrita (a partir de inúmeros discursos) na contemporaneidade. Procurarei também mostrar representações e construções de estilos diferentes que têm sido pouco problematizados em relação à juventude.

Com o objetivo de pensar como algumas práticas culturais entre jovens, mais especificamente entre os chamados *emos*, vêm se constituindo, analiso um conjunto de postagens presentes em tópicos de conversas apresentadas em duas comunidades do site de relacionamentos intitulado orkut (1). São elas: *Odeio preconceito contra emo* e *Um estilo chamado emo*.

Para a elaboração do estudo, primeiramente verifiquei quais eram os tópicos relacionados às características, ao preconceito e à sexualidade dos participantes de tais comuni-

Lasciva criatura...

Cujos negros olhos vertem sangue ... impurezas da alma postas à [sic] fora. Em nênia profunda permite-nos decifrar em si um misto de amor e ódio Quão difícil é compreendê-la...

Enquanto seres divinos sofrem ... você goza de seus vícios junto de mim

Nossos medos nos injuriam, e saudamos ao mestre

Enquanto demônios bailam em nosso inconsciente

Cabe a nós a superioridade

Pormos a grinalda mirrada do mestre...

Sobre nossas fronteiras

Secos crânios, tal qual bulbos dilacerados

Creemos que o mundo naum [sic] acabará pelas mãos de Deus [...]

[...] Mas renascerá no abraço dos condenados

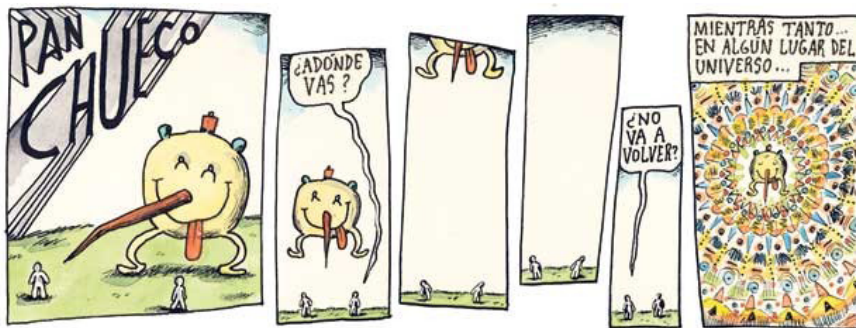
BruXiinha (14/10/2008 – Comunidade Odeio preconceito contra emo)

dades. Detive-me, em especial, na análise daqueles excertos em que as temáticas da sexualidade e do preconceito eram centrais. Isso porque os *emos*, por serem associados à emotividade e por se dedicarem à produção de um visual específico (e.g., o uso de uma longa franja para meninos, característica-chave do “estilo” *emo*), são reiteradamente alvos de desconfiança quanto à sua sexualidade. Assim, não foi difícil encontrar, em inúmeras postagens, relatos em que os jovens *emos* desabafavam com seus pares os preconceitos que sofrem tanto em casa quanto nas escolas.

Optei também pela realização de leituras, análise e composição de registros para descrever as diversas formas de expressão pertencentes ao movimento *emo*, utilizando os princípios das *observações-participantes* que, como metodologia de investi-

gação, “pressupõe que é somente através da imersão no cotidiano de uma outra cultura, de um outro grupo [que] o/a pesquisador/a pode chegar a compreendê-la” (SANTOS, 1997, p.82). Entre essas formas de expressão dos *emos*, destaquei o gosto musical, os territórios, a escolha das vestimentas, as linguagens, as marcas corporais e tudo aquilo que concorre, aos olhos dos outros, para a confirmação da existência dessa “tribo” juvenil.

Em razão das dificuldades que se colocam para a apresentação de imagens (por exemplo, termo de consentimento livre e esclarecido), recorro à descrição de cenas presenciadas em determinados locais da cidade de Porto Alegre. Cenas que apresentam descrições das vestimentas, acessórios e comportamentos observados para que o leitor possa compor uma imagem dos jovens do movimento *emo*.

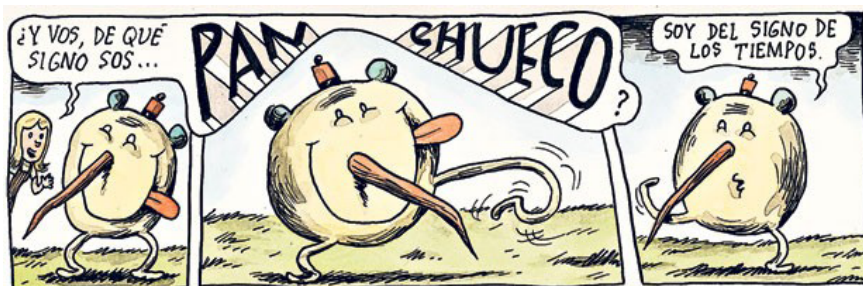


Afinal o que é ser jovem? Falando sobre juventudes...

Uma primeira dificuldade quando se quer falar de juventudes tem sido determinar qual faixa etária as define. Em tese, o jovem vira “gente grande” quando conclui os estudos, começa a trabalhar, vai morar sozinho, se casa e tem filhos. Acontece que esse roteiro linear já não é mais tão comum: os jovens parecem estar tendo que conciliar escola com profissão. Muitos, com pouca idade, já cuidam de seus filhos; outros passam dos trinta e continuam na casa dos pais (NOVAES, 2008). Dados do Instituto Cidadania (2003) apontam que um quinto dos jovens têm filhos e que 83% dos jovens solteiros não pretende sair ou vai esperar mais para deixar a casa dos pais.

O Conselho Nacional de Juventude considera a questão da seguinte forma: “a juventude congrega cidadãos e cidadãs entre os 15 e os 29 anos. Nesse caso, podem ser considerados os Adolescentes-Jovens – entre 15 e 17 anos –, os Jovens-Jovens – entre 18 e 24 anos – e os Jovens-Adultos – entre 25 e 29 anos” (2) (CONJUVE, 2006).

No Brasil a juventude parece ter ganho espaço na mídia, nos debates públicos e nas pesquisas acadêmicas. Uma das razões para essa recente visibilidade é que atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 50,5 milhões de brasileiros, um quarto da população do país, têm entre 15 e 29 anos. Esse grupo etário nunca foi tão numeroso.



O termo EMO foi dado a um estilo musical proveniente do punk-rock. Surgida nos anos 80, em Washington, a música emo, ou *emocore* (contração da expressão em inglês *emotional hardcore*), mescla o som pesado, característico do punk, com letras introspectivas e românticas.



Um estilo musical, um estilo de vida: o surgimento de uma tribo

O termo EMO foi dado a um estilo musical proveniente do punk-rock. Surgida nos anos 80, em Washington, a música emo, ou *emocore* (contração da expressão em inglês *emotional hardcore*), mescla o som pesado, característico do punk, com letras introspectivas e românticas. Conflitos com os pais, decepções amorosas, indignações com o mundo são alguns dos temas abordados. O estilo surgiu através de bandas como *Rites of Spring* e *Embrace*, que faziam um som parecido com o punk original, embora com ritmo menos acelerado e com canções mais emotivas.

Essas bandas pioneiras mesclavam a energia do gênero *hardcore* (12) com letras de teor fortemente pessoal e confessional. Suas performances ao vivo também eram comumente marcadas por extravasamentos empolgados e espontâneos de sentimento. Dessa forma, adicionou-se o “emotional” ao “hardcore” para distinguir essa nova tendência, cujas músicas e letras transbordavam de emoção.

Para fornecer alguns exemplos do que foi mencionado acima apresento trecho da letra de uma música composta pela banda gaúcha FRESNO, referência nacional do estilo *Emocore* entre os jovens:

Dados do IBGE (2007) também mostram que quase metade do estoque de desempregados do país compõe-se de jovens. Em média, eles ganham menos de metade do que ganham os adultos (PNAD, 2006). Além disso, a taxa de homicídios entre os jovens é 2,5 vezes maior do que entre os outros segmentos etários. Enquanto o número de assassinatos se manteve estável no restante da população, entre a juventude esse índice cresceu 81,6% nos últimos 22 anos (UNESCO, 2002).

Podemos afirmar, com base nesses dados, que os brasileiros jovens foram profundamente afetados pelo modelo econômico adotado nas últimas décadas, responsável pelo significativo aprofundamento da exclusão social. Muitos jovens não desfrutam dos seus direitos mais fundamentais. Se considerarmos a cidadania com base na definição apresentada pelo

Mini Dicionário Houaiss (2003, p.111), que a define como “condição ou direito de cidadão”, poderemos dizer que, para muitos jovens, por enquanto ela ainda é uma cidadania incompleta no que respeita a temas primordiais como educação (3), tempo livre (4), cultura (5), trabalho (6), família (7), drogas (8), meio ambiente (9), participação (10), sexualidades e direitos sexuais (11), entre outros.

Entre preocupações e esperanças, uma coisa parece certa: é preciso falar sobre juventudes. Levando em conta a premissa de Garbin (2001), postulamos que uma das características básicas do “ser jovem”, em uma leitura atual, é partilhar de uma identidade juvenil – é assumir uma prática cultural. As juventudes hoje podem ser em grande medida compreendidas como comunidades de estilos atravessadas por identidades de pertencimento.





O PESO DO MUNDO

Será que eu não vou mais agüentar?

*Será que eu não tenho onde ficar?
Será que vou suportar saber que tudo
em minha volta é falso e sujo?
Será que vou continuar a carregar nas
costas o peso do mundo?
Como é que eu consigo me acalmar,
sem nunca explodir, chorar, gritar?
Como podem ser tão maus?*

Bandas brasileiras como *Fresno*, *NX Zero*, *CPM22* e *Retina* são frequentemente referidas pelos jovens emos como as suas preferidas nacionalmente. As três primeiras foram indicadas nas categorias "Artista do Ano", "Hit do Ano" e "Revelação" para o prêmio *Video Music Brasil 2007*, promovido pela MTV (13). Como não poderia

deixar de ser, há muita gente que não considera essas bandas como representantes do gênero emo, e nem as próprias bandas ou suas gravadoras pronunciavam-se firmemente quanto a isso, parecendo querer evitar a polêmica. Mas parece também não haver dúvida de que o sucesso dessas bandas é, de forma direta ou indireta, consequência da popularização dos emos no Brasil. E é essa popularização da música emo (hoje definida amplamente como rock pesado de letras românticas) que vem construindo no país, de alguns anos para cá, uma verdadeira *tribo emo*. É nesse âmbito que emo passa a designar algo além de uma categoria musical, tornando-se um estilo de vida, uma moda, uma linguagem, um adjetivo, um xingamento etc.

Não é difícil identificar a tribo emo por sua aparência. O corte de cabelo é talvez a característica mais evidente: emos usam cabelo liso, com franja comprida que cobre os olhos, ou só um deles. Embora a franja seja mais difundida, garotos também podem usar o cabelo mais curto e espetado para cima.

Os jovens emos parecem ter quase sempre entre 11 e 18 anos (COTES, 2006), misturam roupas pretas com estampas de desenho animado, tênis *All Star* (14), botas punk, tênis cor-de-rosa, colares de bolas, camisas justas, meias-arrastão, presilhas no cabelo, cintos de rebite, piercings e longas franjas. Além disso, pintam os olhos e os cabelos e, no frio, usam cachecol. Óculos de aro grosso e escuro também são muito populares.

Sobreposições são muito usadas entre os emos: camisetas de mangas curtas vestidas por cima de camisas ou camisetas de mangas compridas, casacos esportivos retrô. Em termos de cores, predomina o preto, que expressa certa rebeldia, mas em contraste com cores vibrantes e estampas nostálgicas que representam uma vontade de não envelhecer (PACCE apud COTES, 2006). Os garotos não se acanham em vestir rosa. Estrelas, caveiras e corações são adotados, e a textura xadrez também é usada em diversos itens. O jeans é amplamente utilizado, seja em calças, saias ou bermudas. A maquiagem é encontrada tanto em meninas quanto em meninos; no caso deles, restringe-se ao lápis preto contor-



Jovens praticantes do estilo emo

Não é difícil identificar a tribo emo por sua aparência. O corte de cabelo é talvez a característica mais evidente: emos usam cabelo liso, com franja comprida que cobre os olhos, ou só um deles. Embora a franja seja mais difundida, garotos também podem usar o cabelo mais curto e espetado para cima.

nando o olho, ou a uma sombra embaixo dele, preta ou até vermelha. Existem ainda muitos rapazes que pintam uma ou mais unhas de preto, e o número de características típicas parece não parar por aí.

Por desestímulos sociais, ostracismo ou relações de poder, os jovens emos expressam suas opiniões, sentimentos, problemas e relações de troca através daquele que se tornou o principal meio de disseminação dessa cultura: a internet. Com blogs e fotologs (diários virtuais), e através do orkut (site de relacionamentos), esses jovens encontraram outros e passaram a compartilhar das mesmas idéias, aumentando ainda mais o número de adeptos com a mesma forma de vestir, pensar e se comportar. Fotos publicadas em fotologs geralmente são auto-retratos; as expressões são sérias ou tristes, refletindo a melancolia associada à tribo; outros vícios da fotografia emo são mãos tapando bocas como que fingindo espanto, rostos pensativos. Fora de casa, para abastecer fotologs e documentar cada momento, os emos tentam ter uma câmera fotográfica digital sempre à mão. Seus celulares são essenciais para comunicação móvel entre a turma e para o agendamento de atividades.

Dentro do estilo emo existem subestilos como os *from UK* e os *new wave*, embora haja aqueles que os consideram um tipo de “pós-emo” ou “emo de luxo”. Veja a definição de *from UK* e *new wave* feita por um

jovem frequentador de um *shopping* em Porto Alegre:

Tipo no caso emo, usam franjas; na maioria das vezes usam cabelo colorido e usam coisas que está bombando na Europa. Ao contrário do que todos pensam, os emos não são tão melancólicos. Tem uma evolução, tem o emo e depois vem o from UK, que se espelham nas pessoas de lá e tem também new wave, que no caso é super-colorido, cabelo picoteado. É que, assim, todo adolescente começa sendo emo, até ser bem aceito pelos amigos. Eu uso essas roupas assim (15), pareço mais from UK, uso essas roupas tipo Argentina. (Eduardo, 17 anos) (16).

Os próprios emos têm a versão dos chamados “posers”, termo usado para definir os jovens que aderem ao estilo apenas pela moda.

Poser é tdo akele que segue uma moda, que fala que curte uma coisa e nom sabe porra nenhuma – significado da expressão “VC É POSER”. Mais o significado REAL da palavra, é que poser são pessoas que posam para fotos, faz caras e bocas etc... Mais o significado real da palavra não é usado (Comunidade Odeio preconceito contra emo, 08/10/2008).

Outra característica desse grupo é o fato de terem uma linguagem peculiar, que no geral possui um tom infantilizado. Falam quase sempre no diminutivo, trocando letras em conversas ou chamando as amigas de “maridas”, por exemplo. Palavras terminadas em “inho”, como amorzinho, lindinho, fofinho são constantes nas conversas. Adjetivos como “fofo”, “meigo”, “lindo”, “querido”, também em variantes neologistas como “fofuxo”, “meiguxo”, “queriduxo” também são comuns. Na internet são corriqueiras frases como “Sabia que eu te amo?” transformadas em “Xabia q eu ti amu?” (17).

Os emos não reprimem suas emoções: sofrem por amor, não têm vergonha de chorar (especialmente ouvindo músicas ou em shows) e nem de demonstrar publicamente afeto por amigos, inclusive os do mesmo sexo. Não é raro ver garotos da tribo se beijando na boca, ato que parece agradar garotas emo, sendo o contrário também verdadeiro (KOBAYASHI, 2006). Têm repulsa por pessoas violentas; qualquer tipo de agressão física é altamente reprovável entre eles, que parecem lutar por um mundo de paz. Não economizam demonstrações de carinho e são pacíficos com relação à intolerância e às outras tribos:

Se tu reparar, aqui na Redenção (18) tem bastante punk, gótico, a gente se dá bem, eles não olham te apontan-





do. Dizem que todo emo é gay, passou um emo na rua e sempre chamam de viado (William, 17 anos).

Os emos pregam a tolerância em todos os sentidos, inclusive na opção sexual. Tanta tolerância acaba gerando intolerância e eles não são bem vindos em muitos locais. O menino emo é sensível e compreende as meninas, é capaz até de chorar por uma decepção amorosa e não tem vergonha de mostrar seus sentimentos. Os emos se definem como um grupo sensível, sem preconceitos, e demonstram muita sensibilidade – chorar ao som de uma determinada música parece ser uma questão peculiar.

Os emos costumam dizer não às drogas, inclusive ao álcool (embora isso não seja regra). A atitude emo parece mostrar um esgotamento do modelo ocidental, em que muitos jovens tentam se afirmar pela violência ou pelo consumismo. Os punks ou funkeiros muitas vezes se impõem pela agressividade. Já os emos, como observa Regina de Assis, doutora em Educação, citada por Cotes (2006), querem se fazer aceitos pelo amor.

Atitudes mais sensíveis e liberdade de expressar sentimentos tornaram os Emos alvos fáceis de preconceitos, já que para muitos desavisados ser emo é sinal de ho-

mossexualidade, a ponto de o termo “emo” ser visto como “palavrão”.

É... mas parece q o preconceito nunca acaba!

Já tinham algumas meninas nojentas me perseguindo na escola. Eu até estava [estou] com dificuldade para estudar, pq elas ficam implicando comigo na aula e os professores não fazem nada. Só o de português que é suuuper gente fina comigo, mas aí elas não implicam na aula dele. Até a diretora do colégio implica comigo por ser emo. E quer livrar os alunos do preconceito... Elas já vinham me ameaçando a meses. Eu queria trocar de colégio, mas como já tá no fim do ano ia ser mto difícil me readaptar. Agora, a péssima notícia: ontem, eu vinha embora da escola, e como todo dia elas me diziam “vou te pegar lá fora hoje hein” e nunca faziam isso, eu larguei pra lá. E elas me pegaram mesmo. Vieram umas 6 garotas pra cima de mim e uma veio embora na minha frente de propósito. Não tinha como fugir. Hoje faltei a aula porque estou com o corpo doendo muito. E minha mãe não pode falar nada na diretoria porque o ocorrido foi fora da escola. Não sei mais o que fazer em

relação a essas meninas que são uma praga na minha vida. (Comunidade Odeio preconceito contra emo, 09/09/2008).

O orkut já possui mais de mil comunidades do tipo “Se ema é bicho, emo é bicha”, “Emo som de fruta”, “Eu odeio emo”, “EXÉRCITO ANTI-EMO”. Há quem acredite que o preconceito existente entre emos e outras tribos acontece pelo fato de muitos jovens terem se tornado emo por puro “modismo”.

Muitos emos, justamente por fazerem demonstrações públicas de carinho e por aceitarem a opção sexual do outro sem preconceitos, são alvos de homofobia e violência. Na rua e em casa eles provocam polêmica. Isso acontece também em outras tribos urbanas como metaleiros, rappers, clubers...

O Kiss (19) não anda fantasiado na rua. Eles têm vergonha na cara. E eles ganham dinheiro com isso... muito dinheiro. Se fosse assim os palhaços de circo estariam ferrados...

O Rob, vocalista do Judas Priest (20) é uma bixooooona mesmo. Mesmo assim não anda pra lá e pra cá como uma “bonequinha de porcelana from hell”. Ele se veste e se comporta condizendo com sua classe... mas tem uma vida social normal.



Normal para os superastros, é claro. Eu tenho cabelo liso desde que nasci... cabelo de chapinha é a PQP (Comunidade Odeio preconceito contra emo, 24/10/2008).

Desafiada por demoradas e interessadas visitas ao orkut, propus a mim mesma, de maneira modesta, esboçar um percurso menos descritivo e interpretativo, construído sob uma leitura de como a tribo juvenil contemporânea dos emos percorre, inventa, redefine e exhibe seus marcadores identitários em tal ferramenta.

Apresento a seguir, um excerto de Silveira bastante oportuno para os fins desta apresentação:

No mundo instável e surpreendente em que vivemos, a internet parece guardar incessantes surpresas que balançam – de alguma forma – nossos conceitos modernamente estabelecidos sobre sujeitos, comunicação, relacionamentos, interação, verdade, valores, etc. Na rede, primeiro nos aproximamos dos e-mails para, após, entrarmos na era dos chats ou salas de bate papo, os blogs de ordem variada vieram ocupar seu espaço; o ICQ, o MSN e o SPACE, entre outros, fizeram as

delícias de quem trabalhava ao computador e, ao mesmo tempo, podia conversar com amigos, sem alarde, de forma – digamos – reservada e quase secreta. Nessa progressão, em que novas possibilidades não arredam as antigas, desde há poucos anos tornou-se coqueluche no Brasil um site de relacionamentos – o orkut. Como espécie de evento midiático e, portanto, também tema de reportagens de TV, programas de rádio e matérias jornalísticas, poucos brasileiros e brasileiras ainda não ouviram falar do orkut (SILVEIRA, 2006, p. 137).

Da mesma forma, vejo o orkut como um território para o exercício de determinadas subjetividades, ao mesmo tempo que como um terreno para a conformação a determinadas regras. Sem me aprofundar na questão das normas escritas que lá se delineiam pelo próprio uso, é possível afirmar que, na internet, os jovens colocam-se numa vitrine (isto é, estão em constante expo-

sição), reinventando-se a partir de sentidos ali compartilhados. Isso parece acontecer a partir do tipo de organização (por exemplo, a forma como os textos são postados a partir de uma linguagem própria) e das formas recorrentes que se enraízam em dados valores (por exemplo, o fato de esse meio servir para colocar em circulação questões como o preconceito). Assim, temos de um lado questões tidas como tradicionais e, de outro, questões emergentes das sociedades contemporâneas.

O primeiro ímpeto de um usuário que procura se informar sobre a cultura emo no orkut é o de fazer uma busca pelo termo nos títulos das comunidades. Quem o faz é duplamente surpreendido pelos resultados: primeiro, ao constatar que são mais de mil (limite imposto pelo site para exibição), o que nos dá noção de o quanto a tribo está em voga atualmente; segundo, ao perceber que a maioria das comunidades encontradas é de ódio aos emos. Exemplos: *Chute um emo e ganhe 1 real*, *Será que existe emo macho?*, *Emo bom é emo morto*, *Quero ESPANCAR um EMO*, etc.

Sabemos que a universalização de direitos e acessos não anularia automaticamente os mecanismos que ancoram preconceitos e discriminações sociais.

Jovens culturas

Considerando os aspectos históricos da construção social, falar de “juventudes brasileiras” é falar de processos resultantes de uma conjugação específica entre herança histórica e padrões societários vigentes. Nesse cenário, entre os jovens brasileiros de hoje, parecem ser os mais pobres os mais atingidos pelos processos de desqualificação geradores de desigualdades sociais. No entanto, sabemos que a universalização de direitos e acessos não anularia automaticamente os mecanismos que ancoram preconceitos e discriminações sociais.

A condição juvenil, se a pensarmos como etapa da vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada na vida adulta, tem suas especificidades (NOVAES, 2003). A juventude é vivenciada em diferentes contextos históricos, e a história não se repete. Assim, para pensar a condição juvenil contemporânea, talvez devamos considerar a rapidez e as características das mudanças do mundo de hoje. Segundo Novaes (2003), parece ter havido uma ampliação dos agenciamentos socializadores das juventudes e esses extrapolam o âmbito da família e da escola, o que pode significar um aumento da influência dos meios de comunicação, mais especificamente da internet. Apesar de serem muitos os que não

Um dos objetivos deste texto é refletir sobre aquilo que se pode chamar de novas cartografias subjetivas. Isto é: formas de sociabilidade e afetividade contemporâneas encontradas em setores jovens de centros urbanos da nossa sociedade.

têm computador em casa, é preciso considerar que os computadores de associações, centros comunitários e ONGs são reiteradamente utilizados pelos jovens.

Talvez devamos recuperar aqui que um dos objetivos deste texto é refletir sobre aquilo que se pode chamar de novas *cartografias subjetivas*. Isto é: formas de sociabilidade e afetividade contemporâneas encontradas em setores jovens de centros urbanos da nossa sociedade. Tal reflexão ancora-se, mais especificamente, nos resultados de uma pesquisa realizada basicamente na internet, mas não só nela, pois ainda que esses jovens possam ter transformado a internet em uma categoria fundamentalmente espacial/virtual, ela também funciona como um lugar de agenciamento de encontros presenciais. Assim, embora se possa dizer que a internet possibilita o compartilhamento de determinados sentidos entre jovens de diferentes lugares, o “lugar do encontro real” continua necessário e pode ser negociado através do virtual.

Esse processo pode ser entendido como constitutivo e simultaneamente produtor de um novo cenário

de diversidade nas experiências subjetivas. Em outras palavras, ele parece ser utilizado como um modo de por em circulação estratégias identitárias acionadas no interior de contornos imprecisos de espaço e tempo, que se constroem fortemente em torno das musicalidades dramáticas da letra e do som, com vocais intensos e melancólicos, bem como de uma moda empenhada em “borrar” as fronteiras de gênero – contornos fugidios do que entendemos como EMO.

Isso parece traduzir-se, de modo mais contundente, naquilo que Eugênio (2006) chama de uma “cosmética de si” que combina música, moda e comportamento numa maneira de “estar” (e não necessariamente de “ser”) fundamentalmente urbana. A *poética* e o dizer-se dos sujeitos emos parece exprimir-se em uma “estética andrógina”, que aponta para uma relação com o corpo e com os espaços a partir daquilo que podemos chamar de “montação” de si (isto é: trabalho ao qual o corpo é submetido) (Ibid).

Esses aspectos descritos por Eugênio (*op. cit.*) foram também observados de forma análoga nas “cenas” acompanhadas em lugares





públicos (21) (pontos de encontro) e em uma casa noturna (22), onde o som predominante não é especificamente *emocore*, apesar de os DJs tocarem bandas emo em alguns momentos. A partir dessas mesmas cenas é possível dizer que parece haver uma forte incitação romântica à experimentação homossexual, o que pode ser observado no trecho apresentado a seguir:

Sabe, por mim, uma pessoa pode até andar pelada na rua, ou fantasiada d Carmem Miranda dançando "O que a baiana tem?" que eu nem vou ligar... Não fazendo mal a mim e aos que me rodeiam, por mim que se dane, cada um tem sua vida, seu corpo e faz o q bem entender. O que eu tenho a ver com a vida da outra pessoa pra ditar regrinhas ou dizer o que está certo ou errado no visual dela ou no q quer q seja? Quem sou eu pra julgar? E mais: quem sou eu pra agredir, seja com gestos, palavras ou agredindo fisicamente? Com q direito eu posso chegar e apontar o dedo na cara d uma pessoa, chamar d ridícula, gay (o q tb demonstra uma certa homofobia) ou coisas do gênero? (Comunidade Odeio preconceito contra emo, 24/10/2008.)

A recusa dos jovens Emos em aceitar definições estanques para a sexualidade vivida, a qual em suas falas é negada como fonte de identidade e elaboração, parece encontrar seu contraponto no interesse pelas músicas romantizadas e na frequência sistemática às comunidades pes-

Embora se possa dizer que a internet possibilita o compartilhamento de determinados sentidos entre jovens de diferentes lugares, o "lugar do encontro real" continua necessário e pode ser negociado através do virtual.

quisadas. É sob essa rubrica que as postagens e falas se tornam contundentes e que os próprios integrantes dessas comunidades afirmam alguma sorte de pertencimento ou certeza. A identidade é trabalhada no registro discursivo da fluidez e nutre-se do inescapável paradoxo de que a sexualidade é "livre" (EUGÊNIO, 2006, p.160), como afirmado na postagem da jovem Jéssica: "*não há preconceito nenhum, ficam com pessoas do mesmo sexo e de outro em festas, mas é porque tali*".

Os emos parecem construir as representações de si mesmos recorrendo menos à vida sexual que levam e mais à adesão estética, às musicalidades como modo de vida, o que envolve o uso das tecnologias (internet, câmeras fotográficas digitais, telefone celular) como "extensões corporais ativas, *instâncias de tráfego informativo e de composição de si*" (EUGÊNIO, 2006, p.173-4). Eles por vezes se dizem "gays", por vezes se dizem "heteros" e em outras ocasiões se apresentam como podendo vivenciar experiências afetivo-sexuais alternadamente. Assim, parecem rejeitar os binarismos (homossexual/heterossexual) por considerá-los insuficientes e herméticos demais.

Emos: escapando dos binarismos?!

Parece-me, então, que os emos lidam com uma estrutura de "segredo aberto", e é nesse sentido que, buscando apresentar algumas relações entre educação e cultura, tentarei aproximar-me do transformador sem vergonha de arriscar o óbvio. Isso se torna especialmente importante para aqueles/as que se dedicam a estudar as juventudes, posto que, como refere Britzman (1996), as pesquisas educacionais parecem permanecer estranhamente mudas no que concerne às muitas práticas sexuais da juventude. Segundo essa mesma autora, a idéia de identidade presente nas teorias educacionais permanece, muitas vezes, ainda presa à visão equivocada de que elas são dadas ou recebidas, e não negociadas – social, política e historicamente. Além disso, Britzman (1996) também destaca que as identidades parecem não conseguir fugir de dois extremos: ou são vistas como dolorosas (quando se acomodam) ou são vistas como prazerosas (quando resistem). Ela também destaca a necessidade de se pensar a identidade significando efeitos constitutivos das relações sociais e históricas e

Estratégias identitárias acionadas no interior de contornos imprecisos de espaço e tempo, que se constroem fortemente em torno das musicalidades dramáticas da letra e do som, com vocais intensos e melancólicos, bem como de uma moda empenhada em "borrar" as fronteiras de gênero.

também como algo capaz de rearticular desejo e prazer. Isso parece estar evidenciado na postagem de um jovem no orkut:

Sou homossexual, porém não sou emo. Também não me identifico pelo estilo e nem mesmo curto o mesmo tipo de música. Porém, tudo isso com muito respeito. O Brasil é realmente muito plural e diversificado. Há alguns dias comecei a perceber que muitas pessoas fazem associação entre emo e homossexualidade. São visões totalmente estereotipadas de pessoas que não sabem absolutamente nada sobre nenhum dos dois assuntos. Uma conhecida chegou a dizer que a homossexualidade é modismo e que essas menininhas emos adoram beijar outras meninas só para se aparecerem. É realmente abominável saber que existem pessoas que não respeitam a diversidade. São pessoas que nunca se informaram sobre esse assunto e tiram seus conceitos sem fundamentos. À partir do momento em que abri a minha mente para a realidade do preconceito e percebi que eu era uma grande vítima desses ataques resolvi quebrar todos os meus paradigmas e apoiar toda a forma de diversidade. Hoje sou um

ativista dos Direitos Humanos. Apesar de homossexualidade e emo não estar relacionados, existe grande número de emos gays. Como vocês que são emos e homossexuais enfrentam esse problema dessa sociedade restritiva que faz questão de discriminar aquele que adota um estilo de vida diferente? E aqueles que não são homossexuais como enfrentam aquelas pessoas que pensam que todo emo é necessariamente gay? (Comunidade Odeio preconceito contra emo, 02/08/2008).

A respeito disso, Britzman (Op. Cit. p. 74) complementa:

Quando se trata de questões de desejo, de amor e de afetividade, a identidade é capaz de surpreender a si mesma: de criar formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza e da normalidade.

Compreender os significados contraditórios dessas categorias em termos de sexualidades parece exigir que lidemos tanto com as representações aceitas quanto com as rejeitadas, que circulam formal e informalmente também nas escolas:

Sou gay e curto música emo... depois q comecei a me vestir nesse estilo fui sendo cada vez mais excluído na escola... tanto q agora fico isolado no intervalo e na sala... nem tô querendo ir mais pra escola... aí eu penso: Por q as pessoas q eu achava serem amigos se afastaram? Por ter estilo emo ou por q descobriram q sou gay?, pq nao me assumi pra ninguém na escola... eh nessas horas q a gte v qm são os amigos d vdd... Por isso procuro miguxos... eles são mais compreensíveis... Não importa se eh gay ou ht... pq Emos e gays são diferentes rótulos q inventaram... PRA MIM TODOS SÃO IGUAIS!!!!!!! (Comunidade Odeio preconceito contra emo, 24/09/2008).

A poética e o dizer-se dos sujeitos emos parece exprimir-se em uma “estética andrógina”, que aponta para uma relação com o corpo e com os espaços a partir daquilo que podemos chamar de “montação” de si.



Os educadores fazem bem em considerar as várias possibilidades de representações da homossexualidade na cultura popular e o que essas representações podem significar em termos de luta da juventude por seus direitos civis.

Quando pensamos em como os jovens constroem a si mesmos, parece que os educadores fazem bem em considerar as várias possibilidades de representações da homossexualidade na cultura popular e o que essas representações podem significar em termos de luta da juventude por seus direitos civis. O que se sabe sobre as relações entre escolarização, currículo, cultura popular e representações particulares de hetero e homossexualidade? Parece ser preciso compreender as histórias de desejo e amizade que teimam em existir, apesar das condições hostis.

Nesse sentido precisamos pensar, também no âmbito das estratégias educacionais, os contextos e as condições sociais na formação das identidades juvenis, porque esses contextos e essas condições parecem ser, geralmente, sombrias, além de, por vezes, repressivas. Igualmente, urge pensarmos os discursos

contraditórios que agem quando essas identidades perpassam o conhecimento escolar, a pedagogia e os professores/as, e também como devemos/podemos fazer para ir além de vincularmos os corpos ao problema da homofobia.

Ciente de minhas limitações como pesquisadora, procurei, tal como refere Santos (1997), interrogar-me sobre os limites de minha capacidade de conhecer o outro, de expor minhas dúvidas, bem como sobre o caminho que me levou à interpretação/análise – sempre parcial. Questiona-se, nesse tipo de investigação, a legitimidade *dada* ao/a pesquisador/a para falar/escrever, isto é, representar o outro. Tais questões passam pela compreensão de que tomamos nossas práticas culturais, nosso ponto de vista como naturais e a partir deles olhamos para as outras práticas, para os outros grupos como se eles fossem

exóticos/alienígenas. Logo, geralmente deve existir um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo.

Nessa linha ou na contramão dela, posso afirmar que na caracterização dos emos foram identificados seus sentimentos em comum, seus trejeitos, suas aparências e suas atitudes, inseridas no contexto da vida social contemporânea, associada sobretudo à decadência do individualismo. Maneira pela qual procuro compreender a combinação de uma multiplicidade de materiais empíricos, perspectivas teóricas e observações relacionadas a esse estudo de forma estratégica, com o rigor, o fôlego, a complexidade, a riqueza e a profundidade que devem fazer parte da investigação. 

***ANGELA SCHIRMER SIMÃO**, formada em Pedagogia pela UFRGS, participou da Comissão Organizadora da 1ª Conferência Nacional de Juventude. Todas as tiras apresentadas neste artigo foram retiradas dos sites <https://autoliniers.blogspot.com> e www.porliniers.com e inseridas de modo estratégico nos temas abordados ao longo do texto para livre associação do leitor, com autorização prévia do autor.

NOTAS

(1) O orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 19 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome originou-se do projetista-chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. Esses sistemas são também chamados de rede social. O orkut é a rede social com maior participação de brasileiros (mais de 23 milhões de usuários). Wikipédia (2008).

(2) Ao proclamar essa definição, o governo está na verdade elegendo os beneficiários de recursos e programas das políticas públicas de juventude.

(3) Apenas 40% dos jovens brasileiros concluem o Ensino Médio (IPEA, 2005). Apenas 3,6% dos jovens entre 20 e 24 anos chegam à Universidade (Instituto Cidadania, 2003).

(4) Do conjunto dos jovens, 56,6% não praticam atividade esportiva regularmente. Entre as mulheres, o índice é de 80,7% e entre os homens de 32,1% (UNESCO, 2004). Entre os programas que os jovens mais gostam de fazer no tempo livre, mas nunca fazem por vários impedimentos, estão as atividades de lazer (43%), seguidas de atividades culturais (24%) e esportivas (7%) (UNESCO, 2004).

(5) Entre os jovens de 15 a 24 anos, 87% dos que moram nas cidades e 95% dos que moram no campo nunca participaram de projetos culturais promovidos pelo governo ou por ONG's (Instituto Cidadania, 2003). A média de leitura por ano no Brasil é de 1,8 livro por pessoa (IBGE e IPEA, 2007).

(6) Quase metade (45,5%) dos desempregados das seis maiores regiões metropolitanas do Brasil têm entre 16 e 24 anos. (DIEESE, 2006).

(7) Apesar da redução no número médio de filhos por mulher em todo o país, houve um ligeiro aumento na proporção de meninas de 16 e 17 anos com filhos. Entre 2004 e 2005 esse número passou de 6,8 para 7,1%.

(8) Entre os jovens brasileiros, 14% iniciam o uso de bebidas e cigarros com idade entre 14 e 17 anos. A facilidade em conseguir esses produtos através do comércio é um dos fatores que levam os jovens ao consumo (Unidade de pesquisa em Álcool e Drogas – Uniad, UNIFESP 2007).

(9) O Brasil produz 240 mil toneladas de lixo por dia. Apenas 2% desse lixo é reciclado. A título de comparação, o percentual de lixo urbano reciclado na Europa e nos EUA é de 40% (www.reciclagem.net). Acessado em 10/10/2008.

NOTAS

(10) Dentre os jovens, 59% acham que o melhor jeito para resolver os problemas do país é a participação da população nas decisões importantes do governo (Insituto Cidadania, 2003).

(11) Segundo a pesquisa Juventude e Sexualidade (UNESCO, 2004), 25% dos jovens entrevistados não gostariam de ter um homossexual como colega de classe. Registra-se um crime de ódio anti-homossexual a cada três dias, totalizando uma média de 100 homicídios anuais. A partir de 2000 essa média vem aumentando: 125 crimes por ano, sendo que em 2004 atingiu-se um recorde: 158 homicídios (Grupo Gay da Bahia, 2005). Entre os homens homossexuais, 32% já sofreram algum tipo de discriminação em ambiente escolar. (APOGLBT, 2007).

(12) Neste item, a autora compartilha diversas informações obtidas de maneira empírica, tendo como aval o fato de ter vivido experiências como observadora-participante estabelecendo amizades que forneceram conhecimento sobre os fãs do estilo.

(13) MTV (Music Television) é um canal de televisão pago estadunidense sediado em Nova Iorque. Originalmente, a programação da MTV era completamente dedicada a vídeos, especialmente de rock. Depois, a MTV tornou-se um canal com diferentes materiais destinados a adolescentes e jovens. Wikipédia 2008.

(14) All-Star é um modelo de tênis fabricado pela marca Converse. Surgiu em meados de 1917, embora sua popularização só tenha ocorrido alguns anos depois, quando, em 1923, foi criado o modelo All Star Chuck Taylor. Ele surgiu de uma parceria com o jogador de basquete estadunidense Chuck Taylor. Inicialmente, esse tênis foi desenhado para a prática do basquete, uma vez que não existiam à época cal-

çados especializados para a prática desse esporte. Posteriormente o calçado começou a ser difundido por bandas como The Ramones, conjunto de punk-rock do fim dos anos 70, por artistas pop e pela mídia televisiva em meados da década de 80.

(15) O jovem usava All Star amarelo, calça jeans justa e cabelo pintado com mechas.

(16) Cabe destacar que os nomes aqui apresentados foram atribuídos pela própria autora na direção de manter o anonimato dos participantes. Além disso, todas as citações aqui apresentadas, sejam elas decorrentes de conversas informais junto aos jovens emos, sejam retiradas das comunidades do orkut, mantêm o formato, a grafia e os símbolos originais. Serão reproduzidas neste trabalho com fidelidade, por entender-se que o estilo de digitação, de fala e até mesmo os erros contribuem para a caracterização desses usuários.

(17) É possível notar uma certa infantilização das palavras. Ao vivo, os emos costumam conversar de maneira infantilizada, usando vocabulário e, muitas vezes, fonética típica de criança: trocam o som de /r/ por /l/, de /s/ por /x/, por exemplo. Então, ao se estabelecerem no orkut, eles não apenas trazem as palavras, mas tentam também transmitir essa pronúncia infantil na escrita. Passaram a escrever voxê (que ainda pode ser reduzido a vx) em vez de "você", "kelu" em vez de "quero", "ixo" em vez de "isso", "axim" em vez de "assim", e assim por diante.

(18) O Parque Farroupilha, ou simplesmente Redenção, é um parque urbano de Porto Alegre, localizado no Bairro Bom Fim, patrimônio histórico e cultural da capital dos gaúchos. O Parque da Redenção possui 12 recantos de interesse e 38 monumentos, dentre eles o Monumento ao Expedicionário, também conhecido como "Arco". Tombado em 1997, é um dos principais pontos turísti-

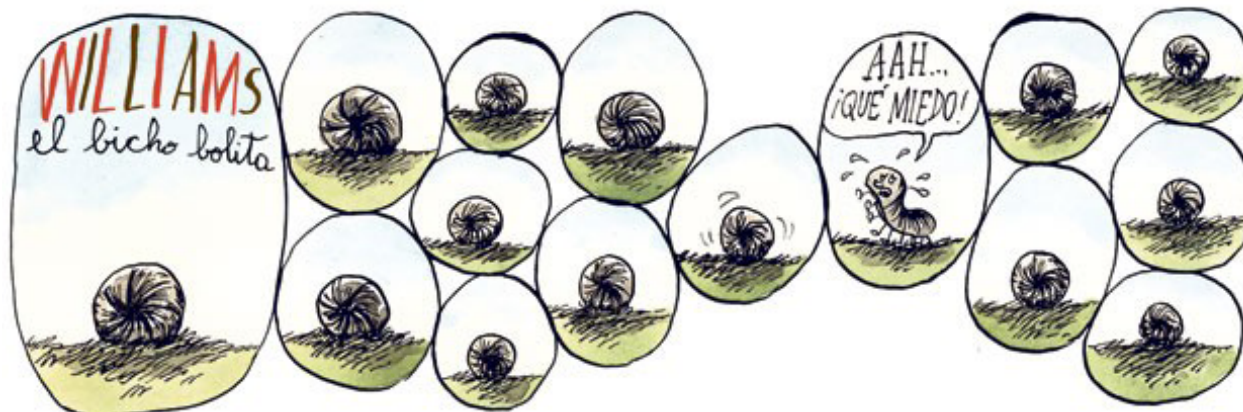
cos da capital. Junto ao parque funciona aos domingos uma feira de artesanato chamada Brique da Redenção. O Brique da Redenção, antigo Mercado de Pulgas, abarca mais de 300 bancas que expõem à venda antiguidades, artesanato e artes plásticas. O Brique é, também, um tradicional ponto de manifestações políticas e culturais no qual a música, o teatro e a dança sempre encontram fiéis apreciadores. Veja mais em <http://aredencao.com.br>. Acessado em 06/11/2008.

(19) Kiss (ou KISS) é uma banda de hard rock/heavy metal dos EUA, formada em Nova York em 1973, conhecida mundialmente por suas maquiagens e por seus concertos muito elaborados e até exagerados que incluem sangue, guitarras esfumaçantes, fogo cuspidor, pirotecnias e muito mais. Wikipédia 2008. Acessado em 08/11/2008.

(20) Judas Priest é uma banda inglesa de heavy metal que foi criada em meados de 1969, em Birmingham. O primeiro disco da banda ("Rocka-Rolla") foi lançado em 1974 pela Gull Records. A banda vendeu cerca de 40 milhões de discos em mais de 30 anos de existência, influenciando um número significativo de bandas de heavy metal e hard rock durante o processo. Podemos citar entre esses grupos como Guns N' Roses, Slayer, Pantera, Accept, Skid Row, Iron Maiden, Metallica, Megadeth, entre outros. Wikipédia 2008. Acesso em 08/11/2008.

(21) "Eles taxam as pessoas que vem aqui de emo, mas ninguém é, todo mundo é, é emotivo. Todo mundo que usa um All Star. Tem o dia de se reunir: quinta é Total, sábado Germânia, sexta Praia de Belas, Domingo é o Arco da Redenção" (Maíra, 14 anos).

(22) Porão do Beco, Av. Independência – Porto Alegre (RS).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITZMAN, Débora. "O que é essa coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo". *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faced/UFRGS, v.21, n. 1, jan/jun 1996.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE JUVENTUDE – 1. 2008. *Texto base*. Brasília: SNJ, 2008. 23 p.

CONJUVE. *Política Nacional de Juventude: Diretrizes e Perspectivas*. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

COTES, Paloma. "Punks no jardim-de-infância". *Época*, São Paulo, n. 403, pp. 96-99, Fev. 2006.

EUGÊNIO, Fernanda. "Corpos voláteis: estética, amor e amizade no universo gay". In: Mendes de Almeida, M. Isabel & Eugenio, Fernanda (orgs). *Culturas Jovens – Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

GARBIN, Elisabete Maria. *www. Identidadesmusicaisjuvenis.com.br: um estudo de chats sobre música da internet*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 270 p.

HOUAISS, Antônio. *Mini Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 2003.

KOBAYASHI, Érika. "Menino beija menino". *Capricho*, São Paulo, n. 989, pp. 84-87, Abril. 2006.

NOVAES, Regina. "Os jovens e hoje: contextos, diferenças e trajetórias". In: Mendes de Almeida, M. Isabel & Eugenio, Fernanda (orgs). *Culturas Jovens – Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi. "Um preto mais clarinho ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos". *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faced/UFRGS, v. 22, n.2, jul/dez 1997.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. "Identidades para serem exibidas – breve ensaio sobre o Orkut". In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel (org.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: ULBRA, 2006.

